

Práticas e usos musicais no Piauí: apontamentos históricos

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

João Valter Ferreira Filho

Universidade Federal de Campina Grande – joao.valter@ufcg.edu.br

Resumo: O presente trabalho originou-se a partir da Dissertação de Mestrado do autor, intitulada *História e Memória da Educação Musical no Piauí: das primeiras iniciativas à Universidade* (UFPI, 2009). O texto aborda a trajetória do desenvolvimento de grupos, bandas e agremiações musicais no estado do Piauí até o início do século XX, descrevendo os processos históricos através dos quais a música foi, gradualmente, adquirindo relevância na sociedade e dando ênfase à atuação de alguns de seus protagonistas, sobretudo nas cidades de Oeiras, Parnaíba e Teresina.

Palavras-chave: Música no Piauí. História. Manifestações musicais.

Practices and musical uses in Piauí: historical notes

Abstract: This work is originated from the author's Master's thesis, titled *History and Memory of the Musical Education in Piauí: from the first initiatives to the University* (UFPI, 2009). The text covers the trajectory of development of groups, bands and musical associations in the state of Piauí to the early twentieth century, describing the historical processes through which the music was gradually gaining importance in society and emphasizing the actions of some of its protagonists, especially in the cities of Oeiras, Parnaíba and Teresina.

Keywords: Music in Piauí. History. Musical events.

1. Piauí: aspectos históricos e sociais dos primeiros tempos

Situado na região Nordeste do país, o Piauí é um estado caracterizado por uma colonização bastante peculiar. Sem ricas jazidas de minerais ou quaisquer outros tipos de tesouros que pudessem interessar aos colonizadores da época, e composto ainda por áridos sertões de clima rigorosamente quente e povoados por índios perigosos, o Piauí também não possuía os predicativos necessários ao desenvolvimento de lavouras lucrativas, como a cana de açúcar, o cacau ou o café, de sorte que o estado jamais se constituiu num grande atrativo, senão para aqueles que quisessem se dedicar à atividade pecuária. De acordo com Brandão (1995), os primeiros agrupamentos populacionais do estado são sempre muito minguados, sendo constituídos, basicamente, por fazendeiros – que, por sinal, hesitaram muito em levarem suas famílias um lugar tão inóspito – e alguns poucos vaqueiros habitando longas extensões de terra não plantada, onde o gado pastava livremente. A principal vila da região, chamada Vila da Mocha, era, na verdade, apenas um amontoado de casebres sem qualquer organização. Com o passar dos anos, outras vilas foram surgindo, sempre nas mesmas condições: Valença, Marvão, Campo Maior, São João da Parnaíba, Jerumenha e Parnaguá.

O pesquisador e professor Emmânuel Coelho Maciel afirma que:

A necessidade que movia colonos era uma só: econômica. [...] O piauiense, naquela época, em suas cidades e vilarejos, nunca presenciara espetáculos cênico-musicais de óperas ou operetas, ou assistira a concerto de orquestra. Em suas igrejas, despojadas do esplendor dos santos barrocos cobertos de ouros e diamantes, jamais se celebrou missas ou rituais da Semana Santa e Natal com grande Coral e Orquestra, fato comum em outros estados, onde a riqueza se fazia fácil e alvissareira (MACIEL, 1995: p. 23-24)

A situação começaria a se transformar a partir de 1758, quando a Coroa Portuguesa determinou a criação da Capitania do Piauí, da qual a Vila da Mocha passou a ser capital, recebendo então o nome de Oeiras do Piauí.

2. As manifestações musicais nos primeiros agrupamentos urbanos

Além de ser a primeira capital do estado, a cidade de Oeiras entrou também para a história como sendo seu principal centro de produção musical até o final do século XIX. Segundo Reis (2006) o fazer musical em terras oeirenses era uma atividade, sobretudo, coletiva, caracterizada pelo agrupamento de pessoas em bandas, pequenas orquestras e diversos outros tipos de conjuntos musicais, como as mulheres bandolinistas, existentes ainda nos dias atuais. Fotos de época revelam algumas peculiaridades na atividade musical de Oeiras, tais como a considerável quantidade de instrumentos de cordas friccionadas – sobretudo o violino e o violoncelo – e a intensa participação das mulheres nos conjuntos musicais, principalmente a partir do início do século XX, quando começa a difusão do bandolim.

A Música passou a ser um complemento da educação feminina, que veio contribuir para sua emergência social marcando sua participação nas reuniões sociais em casas de família, nas seções cívicas, além das festividades religiosas. Distintas se ocupavam como professoras de música das moçoilas da cidade, chegando a formar grupos musicais como a bandinha “A Voz do Coração” organizada nos anos trinta por Dona Araci Carvalho (REIS, 2006: p. 69).

Podemos observar esse interesse feminino pela música na figura 1, que retrata a Orquestra Renascença, criada e dirigida pelo compositor Possidônio Queiroz na década de 1930. Dentre os quatorze músicos presentes na fotografia, cinco são mulheres, todas oriundas de famílias tradicionais da cidade, até mesmo porque o preço dos instrumentos musicais se tornava bastante caro, tanto pela delicadeza necessária no transporte, quanto pela imensa distância a ser percorrida. Dessas cinco, três tocam bandolim – as três primeiras moças sentadas à esquerda –, uma toca banjo – a quarta musicista sentada, da esquerda para a direita – e a moça de pé, em meio aos homens, toca violino.

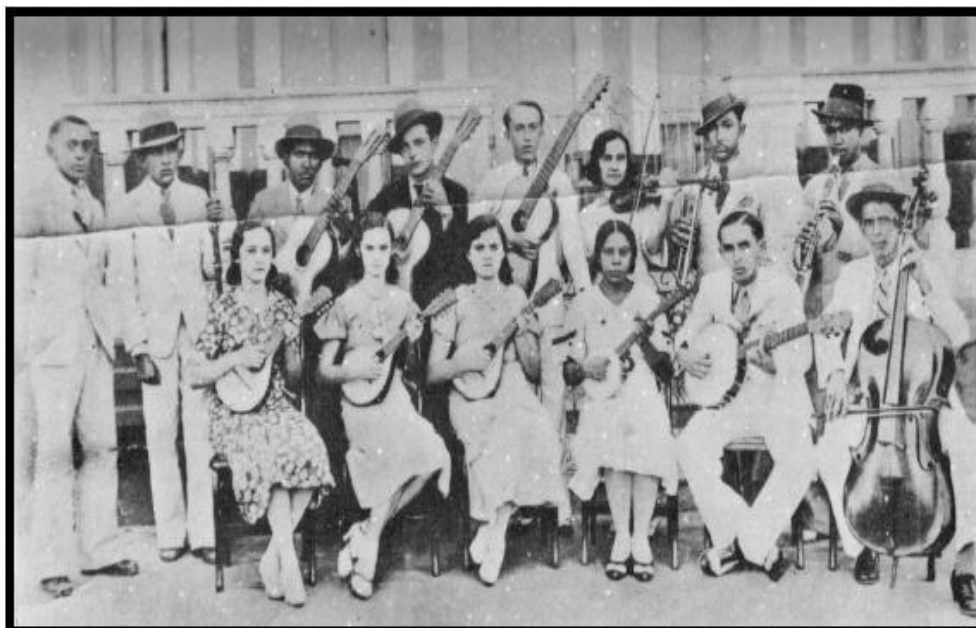


Fig. 1: A Orquestra Renascença, sob a regência de Possidônio Queiroz (primeiro à esquerda). [193-?].
Fonte: Reis (2006).

O bandolim se tornou um instrumento bastante difundido em Oeiras, muito provavelmente pelo fato de ser de fácil portabilidade e, sobretudo, por razões econômicas. Entretanto, o ensino de Música naquela cidade não chegou a oportunizar uma institucionalização expressiva. Muito embora Maciel (1995) afirme ter ouvido rumores a respeito de uma escola de música funcionando em Oeiras nos primeiros anos do século passado, não foram localizados quaisquer dados concretos que venham a confirmar esta informação. O mais provável é que as notícias que chegaram ao referido pesquisador digam respeito à atividade de algum dos professores particulares da época, que muitas vezes chegavam a montar numerosas turmas em aulas ministradas em suas próprias residências.

De fato, as aulas particulares de instrumentos musicais em Oeiras parecem ter-se expandido bastante naquele início de século. Nossa pesquisa localizou notícias de professores ensinando desde os instrumentos mais comuns, como o piano, o bandolim, o violão, o clarinete ou a flauta, até os mais inesperados, tais como o violino, o banjo, o violoncelo e mesmo o cravo, que segundo Maciel (1995), era ensinado pela professora Eva Feitosa em aulas ministradas no coro da Catedral de Nossa Senhora da Vitória.

A outra grande expressão musical da cidade naquele tempo eram suas duas principais bandas de música:

No início do século passado, a sociedade oeirense encontrava na Música os raros momentos de lazer e intercâmbio cultural. Neste período, Oeiras foi acometida por um surto musical, havia duas bandas de Música que disputavam entre si suas aptidões e prestígio: a banda “Triunfo” e a banda “Vitória”. A primeira pertencia ao Sr. Jeremias Rodrigues dos Santos [...]. Seus membros eram do partido do governo;

e a segunda, a banda “Vitória”, era de propriedade do Cel. Rodolpho de Moraes Rego [...]. Seus músicos faziam oposição ao governo. (MARTINS, apud REIS, 2006, p. 63).

Sem contar com escolas específicas de ensino musical ou mesmo com aulas de música no currículo da escola regular, a única iniciativa de institucionalização do ensino de música em Oeiras foram as atividades de uma pequena agremiação musical pertencente ao Estabelecimento dos Educandos Artífices, uma espécie de orfanato público fundado ainda no século XIX naquela cidade (FERREIRA FILHO, 2009). Posteriormente, já depois de sediado na cidade de Teresina, esse grupo viria a ser o embrião da Banda de Música da Polícia Militar do Piauí.

Há também notícias de grupos musicais existentes na vila de S. João da Parnaíba, único contato das terras piauienses com o mar. Situada a mais de quinhentos quilômetros da capital da Província, Parnaíba, em razão de sua intensa atividade portuária, era uma cidade de economia aquecida e que possuía um considerável trânsito de viajantes.

O desenvolvimento econômico ocasionado pelas atividades comerciais portuárias certamente favoreceu o aparecimento de corais, bandas e orquestras na única cidade litorânea do Piauí. Segundo Bastos (1990, p. 02), vem de Parnaíba a mais antiga menção de que se tem registro sobre atividades musicais em terras piauienses – por sinal bastante inusitada – datada ainda do século XVIII:

F. A. Pereira da Costa [...] informa que, em virtude de bando, editado em 1740, ficava a população científica, por ordem do então governador do Maranhão, João D’Abreu Castelo Branco, que nenhum escravo, quer da Guiné, quer indígena, assim como crioulos, mamelucos, mulatos e cafusos, poderia conduzir armas proibidas, cacetes e violas, sob pena de três dias de prisão e cinquenta açoites diários.

Entretanto, os registros históricos da vida musical daquela cidade nos séculos XVIII e XIX são muito escassos. Curt Lange (1966) faz menção a uma orquestra de negros de propriedade do Coronel Sebastião Dias da Silva, uma das principais figuras políticas piauienses no século XVIII. Segundo aquele pesquisador, o Coronel Sebastião Dias chegou a manter, para seu divertimento e também para usos religiosos diversos, uma orquestra composta por mais de cem escravos, que tocavam com razoável habilidade todos os tipos de instrumentos necessários para a realização da Música de câmara. As notícias sobre esse mecenas piauiense também chegaram até nós por meio dos relatos de Henry Kostner e Louis François de Tonellare. Kostner – que mais tarde ficou conhecido pelo nome brasileiro Henrique Costa – radicou-se em Pernambuco como senhor de engenho, e, na segunda década do século XIX, publicou na Inglaterra e nos Estados Unidos o livro *Travels in Brazil*,

traduzido posteriormente para o alemão, o francês e para o português, com o título de *Viagens ao Nordeste do Brasil*. A visita de Kostner ao coronel Simplício Dias é datada de 1811:

Fui introduzido nas casas dos primeiros negociantes e plantadores. O coronel Simplício Dias, de Parnaíba, onde possui magnífico solar, é rico e tem caráter independente. Conta entre os seus escravos uma banda de Música, os quais fizeram o aprendizado em Lisboa e no Rio. (KOSTNER, apud. BASTOS: 1990, p. 03).

O depoimento pode nos dar uma ideia tanto da valorização da música quanto da abundância de recursos do coronel Dias, uma vez que, certamente, não seria nada barato enviar escravos para estudar música fora do Piauí – Lisboa e Rio de Janeiro. De fato, Tonellare em suas *Notas dominicais tomadas durante uma viagem em Portugal e no Brasil*, manuscrito datado de 1818, nos assevera que:

É em Parnaíba que se acha a excelente propriedade do Sr. Simplício Dias da Silva, um dos mais opulentos particulares do Brasil. Calcula-se em 1.800 o número dos seus escravos [...]. O senhor Simplício Dias viajou na França e na Inglaterra, e ali aprendeu conhecer o respeito devido à civilização: ocupa-se das artes, vive em um luxo asiático, **mantém músicos com grande dispêndio**. (TONELLARE, apud. BASTOS, 1990: p. 03, grifo nosso).

Entrementes, a atividade musical em Parnaíba foi fortemente impulsionada pelo considerável crescimento nas atividades teatrais naquela cidade no final do século XIX e início do século XX. Entretanto, é importante ressaltar que, até o advento do Canto Orfeônico como disciplina obrigatória, não é possível se verificar quaisquer registros de atividades sistematizadas de Educação Musical na sociedade parnaibana, a não ser por rápidas menções ao ensino de instrumentos musicais na Companhia de Aprendizes Marinheiros, por volta de 1912 (CASTRO, 2008), e às aulas de canto sacro no Seminário dos Frades Franciscanos Capuchinhos, na década de 1930 (NASCIMENTO, 2008).

3. Música na nova capital

Por iniciativa do então governador da Província, o Conselheiro José Antônio Saraiva, um povoado situado nas terras mais ao norte, chamado Vila Nova do Poty, foi alçado à categoria de capital piauiense em 16 de agosto de 1852, recebendo agora o nome de Teresina, numa galante homenagem feita à Imperatriz Teresa Cristina, esposa de D. Pedro II, com quem o Conselheiro travava relações de amizade.

Segundo Queiroz (1998), um dos traços marcantes do processo de urbanização de Teresina foi o paulatino crescimento de suas atividades culturais, que encontravam espaço, sobretudo, nos eventos religiosos, cívicos e particulares. O movimento religioso estava centralizado nas Igrejas de Nossa Senhora do Amparo (Praça da Bandeira), Nossa Senhora

das Dores (Praça Saraiva) e São Benedito (Chapada do Corisco). Naqueles templos, as missas e demais solenidades do calendário litúrgico eram conduzidas ao som do repertório composto por cantos gregorianos – cantados por seminaristas e frades, geralmente oriundos do Mosteiro de Olinda ou do Seminário de Fortaleza – e por demais hinos tradicionais, entoados pelos corais compostos por membros da comunidade em geral, dentre os quais o mais antigo é o da Igreja do Amparo, fundado por Yêda Caddah na década de 1940.

As atividades laicais também receberam, no final do século XIX, um templo digno da nova capital: o Theatro 4 de Setembro. Localizado na Praça Aquidabã – atual Praça Pedro II –, no lado oposto ao edifício do Batalhão da Polícia Militar, aquele foi, desde sua fundação, o principal palco piauiense para performances diversas, dentre as quais: números de magia, sessões de hipnose, exibições de prestidigitação, lutas de boxe, operetas, recitais, bailes, concursos de misses, reuniões políticas, sessões cinematográficas, conferências e peças teatrais.



Fig. 2: Theatro 4 de Setembro. [194-?]. Foto: Guilherme Muller. Fonte: Silva (2008)

De acordo com Chaves, foi somente por essa época, já mais de cem anos depois de sua fundação, que a música começou a se tornar uma atividade social de maior alcance em Teresina:

Até 1882 não encontramos referências que nos possam assegurar da existência, em Teresina, de conjuntos musicais que se dedicassem ao canto orfeônico e à Música instrumental. Parece que se cultivava esta última nos quartéis e nos Educandos Artífices (CHAVES, 1993, p. 60).

Queiroz (1998) ressalta que, por aqueles tempos, a música adquiriu rapidamente uma grande importância para a vida cultural da capital piauiense:

A Música, entre o final do século XIX e o início do século XX, está no centro da vida social. É imprescindível em solenidades cívicas, passeatas e eventos familiares, como casamentos, batizados, aniversários, formaturas, nos bailes – que são a principal diversão da cidade [...]. Além dos usos regulares e tradicionais da Música, no início deste século [o século XX] aparecem novas formas de lazer que requerem sua utilização ou em que ela é o próprio centro, como as tocatas familiares, os números executados durante e nos intervalos das sessões cinematográficas e as famosas retretas no Jardim Praça Rio Branco. (QUEIROZ, 1998, p. 52-53).

No ano de 1890 organizou-se na capital a “Lira Teresinense”, uma sociedade musical dirigida por Agapito Alves de Barros, Leôncio Pereira de Araújo e Barnabé Pereira de Araújo. De acordo com Chaves (1993, p. 61), a Lira “(...) dava concertos que eram muito apreciados (...). O gosto pela boa Música foi-se apurando de tal maneira que, já em 1896, se podiam apresentar ao público concertos musicais escolhidos.”

Queiroz (1998, p. 53) assinala que esses clubes musicais alcançaram seu apogeu pouco mais adiante, em 1907:

Em Teresina, os clubes de Música começaram a aparecer em 1907 e os dois mais importantes, que agregaram número significativo de amadores, foram o Clube Lítero-Musical e o Clube Monteverdi, com sócios de ambos os sexos e, em geral, orientados por professores de Música. As sessões públicas ou mesmo familiares promovidas por esses clubes eram preparadas durante vários meses e envolviam grande número de amadores, com uma média em torno de 30 a 40 pessoas. As sessões eram realizadas em casas particulares, com ingresso livre para os sócios, mas mediante pagamento para os não sócios. Esses clubes tiveram atuação pelo menos até 1909.

O Clube Lítero-Musical realizou suas primeiras reuniões da residência de Higino Cunha, um dos mais influentes intelectuais teresinenses da época, e que também sabia tocar piano, violão e flauta. De acordo com a pesquisadora, o literato orgulhava-se de ter sido ele mesmo o introdutor do bandolim no Piauí, instrumento que teria trazido de uma viagem ao Amazonas, em 1895. Além de Higino Cunha, os documentos de época citam como músicos amadores com intensa atividade musical em Teresina no início do século XX: Abdias Neves, Gonçalo de Castro Cavalcante, Durcila Batista, Zenaide Cunha, Judith Aguiar e as irmãs Dedita e Déa Rosa, entre outras.

Entretanto, todo esse fazer musical curiosamente não ensejou a criação de escolas voltadas exclusivamente ao ensino de Música no estado do Piauí. De acordo com Carvalho Sobrinho (2008):

Muito embora vejamos um movimento musical considerável nas principais cidades do nosso estado ali a partir do século XVIII, XIX, é interessante percebermos que a

atuação dos grandes músicos, maestros e compositores piauienses nunca conseguiu obter êxito no que diz respeito à formalização do ensino de Música. Esse é o caso de grandes nomes como Pedro Silva e Possidônio Queiroz. Eles sempre trabalharam de maneira particular, nunca institucionalizaram seu fazer pedagógico-musical, nunca fundaram uma escola de Música, por exemplo. (CARVALHO SOBRINHO, depoimento oral, 2008).

Essa não-formalidade das atividades musicais em terras piauienses, verificadas ao longo de praticamente dois séculos e meio de história, traria muitas consequências negativas para o desenvolvimento musical do estado.

5. Considerações finais

O estado do Piauí, muito embora tenha contado com uma colonização atípica que ocasionou uma considerável irregularidade em seu desenvolvimento musical, registra em sua trajetória histórica diversas práticas e usos sociais da música de câmara e até mesmo de concerto, por parte de grupos os mais diversos, notadamente nas cidades de Oeiras, Parnaíba e Teresina.

A tensão entre as adversidades impostas pelas circunstâncias e a necessidade musical da população pode ser acompanhada no vai-e-vem contemplado entre a grandeza de algumas iniciativas e sua irregularidade e descontinuidade ao longo dos anos.

Entrementes, fatos como a presença marcante das mulheres nos grupos de câmara de Oeiras, as orquestras treinadas a altíssimo custo na Parnaíba do século XVIII e, de forma especial, a maneira como a sociedade teresinense vai abraçando, ainda que aos poucos, a prática musical enquanto meio para o alinhamento com os padrões civilizacionais da época, nos deixam entrever a vocação musical de um povo que, mesmo não contando com o favorecimento de fatores decisivos de sua história, sempre procurou permear sua existência com a arte dos sons.

Referências

- BASTOS, C. de A. *Manifestações musicais no Piauí*. [S.l.: s.n.], 1990.
- BRANDÃO, W. de A. Formação social. In: SANTANA, R. N. M. de. (org.). *Piauí: formação – desenvolvimento – perspectivas*. Teresina: FUNDAPI, 1995.
- CARVALHO SOBRINHO, J. B. de. *Depoimento oral*. Entrevista concedida ao pesquisador João Valter Ferreira Filho. Teresina, nov. 2008.
- CASTRO, R. *Companhia de Aprendizes Marinheiros do Piauí: História e Memória*. Teresina: EDUFPI, 2008.
- CHAVES, J. R. F. *Teresina: subsídios para a História do Piauí*. 2 ed. Teresina: FCMC, 1994.
- CURT LANGE, F. *A organização musical durante o período colonial brasileiro*. In: Atas do V Colóquio Internacional de estudos Luso-Brasileiros. Coimbra, 1966.

FERREIRA FILHO, J.V. *História e Memória da Educação Musical no Piauí: das primeiras iniciativas à Universidade*. Teresina, 2009. 221f. Dissertação (Mestrado em Educação). Teresina: UFPI, 2009.

FERRO, M. do A. B. *Educação e sociedade no Piauí republicano*. Teresina: FCMC, 1996.

MACIEL, E. C. *A obra musical de Possidônio Queiroz*. Memória piauiense: Possidônio Queiroz. Teresina: Fundação Elias Tajra, 1995.

NASCIMENTO, F. de A. de S. *Educação Franciscana: história e memória da experiência educativa da fraternidade capuchinha em Parnaíba*. Teresina: [s.n], 2008.

QUEIROZ, T. de J. M. *Educação no Piauí (1880-1930)*. Imperatriz: Ética, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Piauí. Teresina: 2006.

REIS. A. de C. C. *História e Memória da Educação em Oeiras, Piauí*. 2006. 285 f.

SILVA, E. M. O. P. e. *Adalgisa Paiva: o legado de uma educadora*. Teresina, 2008. 126 f. Monografia (Especialização em Educação Musical) – Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2008.